Abertura da ***“VII Conferência da Consciência Negra”*** *–* Ifes - *Campus de* Alegre

***Conscientização das consciências***

Profª. Karen Muniz Feriguetti

Ifes - Campus de Alegre

A primeira violência contra a vida perpetrada pela humanidade homem foi a dominância, primeiro da natureza, depois da mulher, depois de tudo o mais. Junto com a dominância, a objetificação, de tudo. Decerto, acontecimentos vêm em ondas, como o mar, em um indo e vindo infinito, como diria Lulu Santos, assim, dominação e objetificação, desdobradas em outras violências, entre elas a violência da escravização, vêm de muito longe. Optar por integrar a vivência e as tecnologias ancestrais; por respeitar a vida em toda sua extensão e por ter uma visão radical de vida e cuidado é ainda uma utopia, muito embora já tenhamos avanços valorizáveis.

A conscientização das consciências demonstra-se uma necessidade urgente para continuidade dos avanços. Paulo Freire, na obra *Conscientização*, refere que costumam pensar que ele é o autor da palavra *conscientização*, mas foi uma equipe de estudiosos do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, em 1964, que a cunhou. Ao refletir na profundidade do seu significado, Freire (2018) tomou-a para o desenvolvimento de educação como prática de liberdade e de ato de conhecimento, com abordagem crítica da realidade. Freire (2018) compreende que a fundamental abordagem crítica à realidade é compreender que alguns grupos são oprimidos por outros. A violência da dominância, que gerou a violência das escravizações ao longo do tempo tem matizes e desdobramentos diferenciados.

No caso da escravização do povo africano, além da questão colonizatória diaspórica, há ainda a questão racializante proveniente do “racismo científico” propagado no mundo no século XIX, sem dizer que após a abolição da escravatura, especificamente no Brasil, a elite em sua maioria de ascendência europeia e portuguesa, entre muitos outros obstáculos criados ao longo destes 135 anos, criaram e fomentaram mais duas ilusões revisionistas para essas violências (colonização e escravização): a do “brasileiro cordial” (conceito estruturado por Sérgio Buarque de Holanda, em Raízes do Brasil) e a de “democracia racial” (conceito desenvolvido e sistematizado em Casa Grande & Senzala, por Gilberto Freyre). Para além dos muitos obstáculos ao longo da pós-abolição, essas duas ilusões, esses dois mitos, até então afetam muito a ***conscientização das consciências***, aos moldes de todo arcabouço de pensamento freiriano: de sermos críticos à realidade, de nos engajarmos historicamente e de avançarmos progressivamente no processo de mudança e de justiça social de modo contínuo e consistente.

Como um dos líderes desse grupo oprimido no Brasil, é de Zumbi dos Palmares, no século XVII, a célebre frase: “*Nascer negro é consequência, ser negro é consciência*”. O início histórico dessa celebração, que não por acaso denomina-se “DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA”, está demarcado em 1971, quando universitários gaúchos, e entre eles o poeta também gaúcho Oliveira Silveira (1941 - 2009), criaram o Grupo Palmares, tanto para estudarem a história de seus ancestrais quanto para refletirem em torno de questões que afetavam as pessoas pretas em Porto Alegre. O grupo então buscou uma data para celebrar a cultura negra e evidentemente não se identificavam com o dia 13 de maio. Ao terem contato com a história do Quilombo dos Palmares, Quilombo que deu nome ao grupo, escolheram o dia da morte de *Zumbi*, 20 de novembro, para essa celebração. Com a criação do Movimento Negro Unificado, em 1978, a data ganha mais força, de Sul a Norte do país.

Hoje, em torno desse dia, organizamos o nosso “Bora Papiá”, um mote e um chamamento. A palavra “bora” é uma pequena brincadeira em torno do “Vem, vamos embora...”, sem dizer que não falei das flores, além de uma corruptela travessa do “Let’s go” da Língua Inglesa, informal e imperativo – ***VAMOS!***. E o papear é uma palavra multissignificativa que sai do denotativo/concreto (literal) e vai para o conotativo/figurado (metafórico), muito relacionada a como está estruturado nosso evento.

Seu sentido mais concreto vem das aves que fermentam seu alimento “*batendo o papo*”, o que cria uma metáfora interessante para este momento privilegiado, o saber como sabor, além disso, ainda em um sentido material, mas menos figurado e já metafórico, papear é conversar, é dialogar, e a dialogia é um bom sentido defendido nas obras de Freire. Ao atravessar, contudo, a fronteira da linha mais concreta, para uma esfera mais figurada, além de uma visão mais crítica da realidade, é dizer o quanto se sabe de algo que estava silenciado (vai ficando mais sério, *fatos e acontecimentos foram silenciados*).

Também é interessante revelar que “*papiá*”, que significa conversar, foi a palavra que deu origem ao *papiamentu*, Língua Crioula com bases também na Língua Portuguesa falada pelas comunidades de miscigenação entre africanos, portugueses, holandeses, franceses e ingleses em Aruba, Bonaire, Curaçao e em outras ilhas das Antilhas Holandesas. Na concepção teórica do linguista Ramon Todd Tandaré, a origem do *papiamentu* é franca-afro-portuguesa e veio “*viajando*” de África, já Schaumloeffel (2021), não descarta a possibilidade de essa língua ter ligações históricas importantes com as “*viagens*” da comercialização de escravizados (leva e traz de africanos e afro-brasileiros) e ter-se originado tanto de uma língua afro-portuguesa usada na África Ocidental, quanto por causa desse comércio de escravizados. Contrariamente ao que ocorreu linguisticamente em outras colonizações, o *papiamentu* se impôs às outras línguas europeias como língua de resistência, passou de língua dos escravizados para língua de todos, uma vez que é a primeira língua falada nessas ilhas, as chamadas L1, segundo Schaumloeffel (2021). Na atualidade, para Tandaré (2023) o desafio é institucionalizar, grafoestabelecer e grafodivulgar, o *papiamentu*, ensinando-o também nas escolas. Diga-se mais, que “papiá”, conforme escrito no nosso mote, no Brasil, é modo de fala *pretuguesado*, como conceituou Lélia Gonzales, de ***PRETUGUÊS***, e regionalizado.

Enfim, ainda não estamos preparados para uma visão radical de vida em Gaya – A Terra, mas como defende Freire (2018), todo movimento de conscientização tem a assunção de uma posição utópica no mundo, assim “(...) não consiste no irrealizável, nem é idealismo, mas, sim, a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, os atos de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por essa razão, a utopia também é engajamento histórico”.

Não poderia terminar sem um breve e belo texto do poeta *Oliveira Silveira* que impulsionou este dia de celebração:

SER E NÃO SER

*O racismo que existe,*

*O racismo que não existe.*

*O sim que é não,*

*O não que é sim.*

*É assim o Brasil*

*Ou não?*

Então, “Bora papiá”?!

Referências:

BEZERRA, Juliana. *Como surgiu o dia da Consciência Negra*. <https://www.todamateria.com.br/origem-consciencia-negra/>. Acesso em 15 nov. 2024.

FREIRE, Paulo. Filosofia e problemática. In: FREIRE, Paulo. *Conscientização.* São Paulo: Cortez, 2018.

Papear. Disponível em <https://portuguese.stackexchange.com/questions/3055/qual-%C3%A9-a-origem-de-bate-papo>. Acesso em: 22 nov. 2024.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Disponível em: < https://www.dicionarioinformal.com.br/papear/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Disponível em: < https://www.parquedasaves.com.br/blog/biologia-das-aves-elas-produzem-um-alimento-especifico-para-os-filhotes-dentro-do-seu-papo/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

RIOS, Flavia; LIMA, Márcia. (Org.). *Por um afro feminismo Latino Americano*: Lélia Gonzales. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Schaumloeffel, Marco Aurélio. *Língua como patrimônio cultural*: o caso do papiamentu, língua crioula afro-caribenha. In BARBOSA, Elis Regina Angelo (Org.) Textos completos de III Congresso Internacional Interdisciplinar em Patrimônio Cultural: Experiência de Gestão e Educação em Patrimônio. Porto: Cravo, 2021.

# TANDARÉ, Ramon Todd. Entrevista - 9 agosto 2023 – Expanded Translation. *De língua de escravos a língua de todos: o papiamento no Caribe holandês*. Disponível em <https://looren.net/pt/blog-america-latina/de-lengua-de-esclavos-a-lengua-de-todos-el-papiamento#:~:text=Falado%20por%20aproximadamente%20320%20mil,da%20di%C3%A1spora%2C%20dispersos%20pelo%20mundo >. Acesso em: 15 nov. 2023.